

DOCUMENTAÇÃO

O Gabinete Português de Leitura

ARTUR FARIA

HISTÓRIA E FUNDAÇÃO

As três primeiras décadas do século XIX foram bem agitadas e sangrentas para o Brasil e para Portugal.

Evocarei de passagem os acontecimentos de maior significação política e social passados num e noutro país para que se tenha uma idéia o mais exata possível das circunstâncias históricas em que se deu a fundação da sociedade que se chama *Gabinete Português de Leitura*, do Rio de Janeiro.

Depois de perder algumas cidades, como Olivença, Elvas e Juromenha, que caíram nas mãos de espanhóis e franceses, Portugal é ameaçado de invasão por Napoleão por haver consentido que os navios ingleses se abastecessem em seus portos e não respeitar o tratado de Badajoz celebrado com a França e a vizinha Espanha.

No ano de 1806, os franceses cumprem a ameaça e entram em Portugal. Estava declarada a guerra entre as duas nações, cujas conseqüências foram as mais danosas para a vida da velha Lusitânia. O comércio e a indústria ficaram paralisados. Os campos abandonados. As casas, os monumentos e obras de arte destruídas ou pilhadas pelo invasor.

Por outro lado, as idéias trazidas pelos soldados da França revolucionária e liberal tomaram imediatamente conta de muitos espíritos, criando no país um fermento de revolução e comprometendo, assim, o regime tradicionalista existente.

No período que vai de 1820 a 1840, os acontecimentos precipitam-se e rebenta a luta fratricida entre os partidários de D. Pedro e D. Miguel, a qual não só tingiu de sangue o solo da Pátria como ainda arrastou ao exílio muitos portugueses, um dos quais nomearei adiante.

No Brasil, as coisas não corriam, igualmente, muito bem.

Proclamada a Independência em 1822, logo o País teve de enfrentar sérias rebeliões que se estendiam do norte ao sul, ameaçando e separando a família política brasileira.

É quando surge, nessa fase de transição histórica, a figura austera do Padre Diogo Feijó, que tudo fez para pacificar os ânimos dos seus compatriotas. Em vão, porém. Obrigado a transigências que repugnam ao seu cará-

ter, renuncia à Regência em 1837 e retira-se temporariamente do cenário político.

Os portugueses residentes no Rio de Janeiro sentiram-se naturalmente apreensivos com o 7 de Setembro, pois agora eram cidadãos estrangeiros e, por isso, talvez receassem quaisquer violências ou ressentimentos por parte dos nacionais.

Era realmente uma hora difícil a que estavam vivendo êsses homens, para quem a imagem da Pátria distante adquiria agora, talvez, uma côr diferente.

Entretanto, passam-se mais alguns anos e, em 1829, chega à Capital brasileira um emigrado político que havia lutado nas campanhas liberais de Portugal e iria pôr-se à frente dêsses laboriosos patrícios com o propósito de realizar patriótico ideal.

Êsse emigrado chamava-se José Marcelino da Rocha Cabral. A idéia de que estava possuído era a fundação de um centro associativo onde os seus compatriotas pudessem instruir-se e evocar livremente a terra natal.

Rocha Cabral, que se formara em Direito na Universidade de Coimbra, reuniu imediatamente alguns velhos condiscípulos e irmãos de crenças liberais e convocou uma assembléia onde expôs os motivos por que ali se achavam.

Estavam presentes quarenta e três pessoas. Nenhuma delas se opôs ao que nessa histórica assembléia acabava de ser decidido. Era o dia 14 de Maio de 1837, dia em que era fundado, num velho prédio da rua Direita (hoje Primeiro de Março), o *Gabinete Português de Leitura*.

Nomeados os primeiros corpos dirigentes e aprovados os estatutos, a instituição iniciou as suas atividades, funcionando primeiramente na rua de São Pedro, 83, depois na rua da Quitanda, 55 e, mais tarde, isso em 1850, na rua dos Beneditinos, 12, onde permaneceu até à sua instalação definitiva no majestoso edifício da rua Luiz de Camões, 30, solenemente inaugurado na noite de 22 de Dezembro de 1888, com a presença de figuras eminentes nas letras, na política e na diplomacia, entre as quais citarei o Imperador D. Pedro II e Joaquim Nabuco.

O EDIFÍCIO MANOELINO

O edifício é todo êle construído de pedra e ferro. O seu plano foi traçado em Lisboa, em rigoroso estilo manoelino, pelo arquiteto português Rafael da Silva e Castro.

Na fachada, que é tôda de pedra lavrada, vêem-se os bustos de algumas figuras notáveis da história de Portugal, como Camões, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e D. Henrique.

O interior do edifício é grandioso, imponente. À volta da sala onde funciona a biblioteca, alinham-se impressionantemente dezenas e dezenas de estantes peçadas de livros, chamando logo a atenção duas enormes galerias tôdas rendilhadas de ferro e algumas soberbas colunas de bronze guarnecidas

de ouro velho, sem deixar de mencionar um monumental e artístico lustre pendente de uma clarabóia de unidos e coloridos vitrais que causam a admiração de todos os visitantes.

As decorações e pinturas do Gabinete constituem só por si um encanto para os olhos. Sobretudo as que o artista executou nas duas salas de entrada onde estão expostos alguns quadros de Malhoa e Eduardo Malta e objetos de arte, dois dos quais são o relógio que pertenceu a Guerra Junqueiro e oferecido à instituição pelo antigo Presidente da República de Portugal, Dr. Antônio José de Almeida, e a histórica pá de prata que serviu para argamassar a pedra fundamental do edifício e foi usada, em primeira mão, pelo Imperador Pedro II.

Subindo a escadaria de mármore que conduz ao 2.º andar, logo se nos depara a sala nobre, que é um mimo de arte e bom gosto. O teto dessa sala, bem como as paredes, pintado num tom de púrpura e sépia, é guarnecido por uma cornija de magnífico relêvo ostentando os brasões de armas das principais cidades portuguesas do continente e do ultramar, e dêle pendem dois artísticos lustres de bronze do mais fino lavor.

Ali se têm realizado cursos, conferências e exposições, e exibido filmes sobre o progresso da vida portuguesa no campo da técnica, da engenharia, urbanismo, etc.

Numa pequena sala situada ao lado desta, vêem-se alguns quadros de pintores portugueses e uma preciosa relíquia que figurou na Exposição Internacional de 1922 e tem o nome de *Altar da Pátria* — peça evocativa do gênio lusíada e toda ela trabalhada a marfim e prata.

BIBLIOTECA, ORGANIZAÇÃO E CATÁLOGO

A biblioteca do Gabinete, quer pelos anos que tem de existência, quer pela qualidade e quantidade de suas coleções bibliográficas, é uma das mais completas do Brasil.

O número dessas espécies ascende hoje a 150.000 volumes, que se acham devidamente classificados e catalogados.

Os primeiros catálogos datam dos anos de 1840, 1844, 1846, e 1858, sendo que o penúltimo foi organizado em 1868 por Manuel de Melo, bibliófilo ilustre, que lhe juntou copiosas notas biográficas.

Passam-se mais vinte e sete anos sem nada ser feito, neste sentido.

Em 1895, porém, a diretoria da instituição, por intermédio de seu presidente, o benemérito português, Ernesto Cibrão, faz um convite ao historiador e bibliófilo brasileiro, Dr. Ramiz Galvão, para que elabore o catálogo geral da biblioteca.

Ramiz Galvão põe mãos à obra imediatamente, adotando, então, na classificação das espécies, o sistema decimal de Dewey. Cinco anos lhe são necessários para completar o seu trabalho, no qual pôs toda a sua ciência e devotamento, quer enriquecendo-o de observações de grande interesse e utilidade para os estudiosos e funcionários, quer indicando, em notas ligeiras, o valor e a raridade desta ou daquela obra.

Abrange esse catálogo, que consta de dois grossos volumes, tudo quanto, em matéria bibliográfica, entrou no Gabinete desde os seus primórdios até 1905, data em que foi publicado no Rio de Janeiro.

Daí para cá não se fez outro. As obras entradas depois desta época acham-se catalogadas num sistema de fichas móveis, por autores e assuntos, e a sua classificação não obedece rigorosamente ao sistema decimal. O método é um tanto complexo e, por isso, decidiram fazer uma adaptação e simplificação do mesmo, de acôrdo com as necessidades da biblioteca e as exigências do tempo e dos leitores.

Os funcionários de biblioteca, sobretudo os responsáveis pela sua organização, sabem muito bem como é difícil a ciência chamada biblioteconomia

Não ignoram, igualmente, que sendo o catálogo, por assim dizer, o cérebro da biblioteca, e não apenas uma mera expressão bibliográfica, qualquer deficiência ou falha no mesmo acarreta sérios prejuízos ao bom andamento dos serviços e, em especial, aos consulentes.

Outro catálogo está agora sendo preparado.

É o *topográfico*, também chamado *Inventário de estantes*, cuja função é marcar a localização de uma obra, dentro da biblioteca.

O material empregado nesse catálogo é constituído de fôlhas soltas de vasto in-fólio, nas quais são cuidadosamente anotadas tôdas as indicações necessárias, como título do livro, nome do autor, localidade de impressão, data, colocação, número de registro, etc.

FREQÜÊNCIA E RARIDADES

Os tempos que correm são pouco propícios ao estudo e à meditação. Vivemos numa época em que o homem busca fora de si tôda a sorte de sensações e em que as coisas da inteligência foram relegadas a um plano secundário.

O que mais lhe interessa é o imediato, o superficial. Tudo quanto é sério, profundo e real lhe mete mêdo e o molesta.

O tempo, o precioso tempo, passa-o êle no futebol, no cinema e nas casas de jôgo, ou então, ouvindo rádio e lendo as *Seleções* e o *Gibi!*...

Só haverá compreensão e paz no mundo quando cada indivíduo fôr capaz de criar por si mesmo uma cultura nova e elvar a sério o complexo problema da vida, estudando, lendo e meditando sempre, sem parar. A crise da hora que passa é, no fundo, uma crise do homem, que só êle, e mais ninguém, poderá solucionar, desde que se debruce decididamente sôbre si, cumprindo o cérebro preceito de SÓCRATES: "Conhece-te a ti mesmo".

Vem isto a propósito da freqüência e do movimento das bibliotecas.

Considerando o número de habitantes que há no Rio de Janeiro, acho que essa freqüência devião e podia ser maior, quer no ponto de vista qualitativo, quer quantitativo. Os fatores que acima apontei devem ser, pelo menos em parte, os responsáveis por isso.

Entretanto, no Gabinete ocorre uma coisa curiosa. Apesar do que disse, o número de leitores tem aumentado bastante, nestes últimos cinco anos.

A sua frequência diária é aproximadamente de 60 leitores, constituídos por alunos da Escola Nacional de Engenharia, Faculdade de Filosofia, Instituto Lafayette e outros estabelecimentos de ensino, sem falar de outra classe de frequentadores, que é a dos eruditos e associados da instituição.

Afirmo atrás que a biblioteca do Gabinete é uma das mais completas do Brasil. Especialmente as suas secções de Literatura Portuguesa e História.

Todos os autores portugueses, desde os clássicos aos modernos, podem ser encontrados ali, naquele mundo maravilhoso do pensamento humano.

Vá uma vez por outra ao Gabinete, leitor amigo, fuja uns momentos do prosaísmo da vida e “bata um papo” silencioso com Camões, Gil Vicente, Sá de Miranda, Herculano, Garret e Castilho e, se não achar a sua linguagem agradável, procure então Miguel Torga, José Régio, Ferreira de Castro, Alves Redol, Aquilino Ribeiro e outros e outros...

As raridades bibliográficas existentes na biblioteca são bastante numerosas. Eis as principais:

Os Lusíadas, de LUIZ DE CAMÕES, 1.^a edição, Lisboa, 1572; *La relacion que vio Aluaro Nuñez Cabeza de Vacca* (impresso em Zamora por Augustin de Paz e Juan Picardo, 1542); *Verdadeira informaçam das terras do Preste Joan, segundo vio e escreveo o padre FREDERICO ALVAREZ* (impresso em casa de Luiz Rodrigues, livreiro de sua Alteza, Lx. 1540); *Capitulos de cortes e leis que se sobre algus delles fezeram* (impresso por Germã Galharde, Lisboa, 1539); *Decadas*, de JOÃO DE BARROS, Lisboa 1552; *Peregrinaçam*, de FERNÃO MEÑDES PIÑTO, Lisboa, 1602; *Dicionário bibliográfico português*, de INOCÊNCIO FRANÇISCO DA SILVA (1858), que pertenceu a Camilo Castelo Branco, com anotações dêste; as *Poesias* de ELPINO DURIENSE (1812) com anotações literárias e gramaticais, autógrafas, de António de Morais e Silva; o *Dicionário da língua tupi*, valioso manuscrito autógrafo, de GONÇALVES DIAS; o *manuscrito* autógrafo do *Amor de Perdição*, de CAMILO; o *Caleche*, de CAMILO e a *Infanta Capelista*, do mesmo autor.

DOAÇÃO DE LIVROS, SERVIÇO DO DEPÓSITO LEGAL E OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Durante muitos anos viveu a biblioteca esquecida dos autores e editôres, tanto do Brasil como de Portugal. As suas coleções estavam muito desfalcadas e era necessário remediar essa lacuna, que tanto prejudicava o estudioso.

Só à custa de muitos sacrifícios é que eram feitas, de quando em quando, algumas aquisições, e só uma vez por outra recebeu o Gabinete doações de livros por parte dêste ou daquele escritor.

Entre as bibliotecas doadas à instituição, cumpre destacar a do illustre lusófilo e homem de letras, João do Rio, composta de 4.042 volumes; a de Carlos Magalhães, com 1.200; a de Malheiro Dias, com cerca de 2.000 e, finalmente, a do comerciante português Francisco Garcia Saraiva, com 5.000, êstes de grande valor literário e bibliográfico.

Não posso também deixar de registrar aqui a oferta, de interessantes publicações, feita periódicamente ao Gabinete pelo Instituto Nacional do Livro, o DASP, o Museu Nacional, etc.

O Gabinete, porém, continuava necessitando de livros modernos para poder cumprir integralmente com as suas finalidades.

Depois de muitas lutas e esforços por parte do atual presidente, Sr. Albino Souza Cruz, é finalmente resolvido o problema em 1935, com a criação, em Portugal, do Decreto n.º 25.134, de 15 de Março do mesmo ano, que manda reservar para o Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, um exemplar de cada livro impresso e publicado por editôres portugueses, tanto do continente como do ultramar.

Assim, de tempos a tempos, recebe a instituição tudo quanto é publicado na terra de Camões, sendo as remessas feitas para a mesma através do Serviço do Depósito Legal da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Um dos problemas mais sérios, dentro de qualquer biblioteca, é o problema da conservação dos livros.

O tempo e o bicho são os seus maiores inimigos. Só os examinando, a cada passo, abrindo-os e desinfetando-os com preparados especiais e adequados, se poderá evitar, em parte, a sua destruição.

Há alguns, porém, que pelo seu valor histórico devem estar permanentemente sob as vistas dos responsáveis. Sobretudo os livros raros antigos.

De contrário, a traça e o pó dão cabo dêles quando menos se espera.

Os dirigentes do Gabinete tiveram de enfrentar enormes dificuldades para combater o estado de ruína em que se achavam muitos, principalmente os da secção de reservados. Havia necessidade de os restaurar e reencadernar o mais rápido possível, mas faltava para isso uma oficina de encadernação.

Pensaram seriamente no problema e, em 1933, foi a oficina instalada numa dependência nova do edifício, onde tem funcionado até hoje, sob a direção de competente profissional.

Desde então para cá, têm sido feitos ali todos os restauros e encadernações dos livros do Gabinete, e podemos dizer que o aspecto que hoje apresenta a biblioteca é bem diferente do de há vinte anos atrás. E isso porque a oficina de encadernação restaurou e encadernou aproximadamente 90.000 volumes, muitos dos quais bastante danificados.

CONVÊNIO CULTURAL E BOLETIM BIBLIOGRÁFICO E DE INFORMAÇÕES

O Gabinete não é hoje apenas uma casa de livros espalhados ordenadamente pelas prateleiras, mas também um centro de grandes atividades culturais.

É que biblioteca é sinônimo de cultura e este axioma não foi, felizmente, esquecido pelos homens que estão à frente dos seus destinos, como prova o Convênio celebrado em 15 de Dezembro de 1953, entre o Gabinete e o Instituto de Alta Cultura, de Lisboa, devido ao qual fôra creado na instituição um Departamento Cultural, com as seguintes finalidades:

a) Promover e organizar, visitas e missões culturais de personalidades portuguesas e brasileiras, ao Brasil e a Portugal;

b) promover, na sua séde, cursos, lições ou conferências respeitantes a estudos literários, filológicos, geográficos, etnelógicos, artísticos e históricos, da cultura portuguesa e brasileira;

- c) Organizar, na sua séde, exposições e concertos que sejam índice ou padrão da atividade portuguesa;
- d) promover ou subsidiar publicações que interessem à expansão cultural portuguesa no Brasil;
- e) fomentar, pela concessão de bôlsas de estudos ou subsídios, visitas a Portugal de estudiosos brasileiros de mérito reconhecido, com o fim de colherem elementos para trabalhos, em curso, sôbre assuntos portugueses.

Dando cumprimento a êste programa, o Gabinete realizou, em sua séde, no biênio de 1954-1955, um curso de sociologia, em oito lições, dirigido pelo Dr. Gilberto Freyre outro de Literatura Portuguesa, dirigido pelo Dr. Alvaro Júlio da Costa Pimpão, professor da Universidade de Coimbra algumas lições e conferências, como as que proferiram o poeta português Miguel Torga, o filólogo e professor, Dr. Manoel de Paiva Boléo, da Universidade de Coimbra, e os engenheiros portugueses Canto Moniz e Manoel Rocha.

Neste período, igualmente, tiveram lugar duas grandes exposições de arte: uma, realizada pelo aquarelista português Jorge Maltieira, que apresentou alguns quadros sôbre monumentos e paisagens do Brasil e a outra, constituída por obras de pintura, escultura e desenho, de artistas portugueses que concorreram à II Bienal de S. Paulo.

Algumas bôlsas de estudo já foram também concedidas. Entre os beneficiados, citarei o Dr. Serafim da Silva Neto, o Dr. Jordão Emerenciano, o Dr. Gastão Bianor Penalber e o Dr. Thiers Martins Moreira.

A fim de pôr o leitor e o associado ao par da sua vida cultural e do movimento da biblioteca, o Gabinete criou um Boletim Bibliográfico e de Informações, que sai de três em três meses, e é distribuído por tôdas as instituições, jornais e estabelecimentos de ensino do Brasil e de Portugal.

HOMENS ILUSTRES, FATOS CURIOSOS E OUTROS ASSUNTOS

São vários os homens ilustres que têm sido recebidos e homenageados pelo Gabinete, nos grandes dias de gala da colônia portuguesa, e inúmeras as vozes que ali se têm ergüido para proclamar o valor da cultura luso-brasileira e defender a amizade que une estreitamente os dois povos atlânticos.

Dos portugueses, citarei Ramalho Ortigão, Bento Carqueja, Mendes Corrêa, Corrêa d'Oliveira, Cardeal Cerejeira, Ricardo Severo, Júlio Dantas, Jaime Cortesão, Damião Peres, Hernani Cidade, Fidelino de Figueiredo, F. Emygdio da Silva, Araújo Correia, Costa Pimpão, o Presidente Antônio José de Almeida e os aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral; dos brasileiros, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Afrânio Peixoto, Pedro Calmon, Celso Vieira, Levi Carneiro, Laudelino Freire, Gustavo Barroso, Embaixador Macedo Soares, Tasso da Silveira, Cecília Meireles, Agripino Grieco, Rodrigo Otávio Filho e os Presidentes Getúlio Vargas e Café Filho; dos estrangeiros, Frei Pedro Sizing, Eva Canel, Habib Estéfano e Tomás Aquino Schoenaers.

O Gabinete, devido à severidade das suas linhas arquitetônicas, mais parece uma catedral do que propriamente biblioteca.

Por isso, nem todos entram ali para ler ou estudar. Há quem suba as escadas daquela Casa, pensando que é um templo católico.

A reforçar esta impressão, existem no fundo do vestíbulo de entrada, à direita e à esquerda, dois graciosos jarrões de pedra que passam por pias de água-benta e onde a cada passo são vistas pessoas ingênuas introduzirem a mão e benzer-se respeitosamente, só se retirando quando o porteiro as adverte do piedoso engano.

Mas não é tudo, ainda. Há anos, o autor destas linhas presenciou, no salão da biblioteca, uma cena que jamais pôde esquecer.

O salão estava quase vazio e o funcionário começava a aborrecer-se com a falta de leitores e a monotonia das horas.

De repente, entrou uma senhora acompanhada de duas crianças. Vestia luto rigoroso e dava a impressão de quem carrega alguma dor inconsolável e não vê o mundo exterior. Quando pensei que se dirigia a mim para pedir qualquer livro ou informação, ajoelhou-se no meio da biblioteca, fixou os olhos no busto de Camões, que se acha nos fundos desta, e ficou nesta humilde postura durante minutos, rezando fervorosamente com os garôtos ao lado.

Retirou-se com o mesmo recolhimento com que entrara e sem perceber o doce engano que havia cometido.

Quanto a mim, devo declarar que fiquei espantado com a atitude daquela desconhecida e que reconheci, então, a procedência de um dito famoso de Afrânio Peixoto quando, referindo-se certa vez ao autor dos *Lusíadas*, o chamou de *São Camões*...

Este artigo ficaria incompleto se, depois de haver focado os aspectos principais da vida do Gabinete Português de Leitura, não dissesse aos estudiosos da história literária do Brasil que Machado de Assis e Casimiro de Abreu freqüentaram a sua biblioteca e nela estudaram e escreveram, provavelmente, algumas de suas obras.

O segundo, aliás, nasceu no mesmo ano em que foi fundada a sociedade e o primeiro chegou a ser seu sócio honorário.

Este fato, sendo um título de glória para o Gabinete, é também uma prova eloqüente de que a instituição tem contribuído de certo modo para o progresso intelectual e espiritual do Brasil.

SUMMARY

1. *The historical antecedents of the "Gabinete Português de Leitura". Its founder: José Marcelino da Rocha Cabral, a graduate of the Law School, the University of Coimbra. The date of the foundation: May 14, 1837.*
2. *The Manueline architecture of the edifice of the "Gabinete", described in detail. Its decoration, its paintings.*
3. *The organization of the library: its catalogues, their history.*
4. *Library attendance: the clients. Readers's preferences. Rare books possessed by the library.*
5. *Gifts and books received through legal contribution from Portugal. The great donatores and the collections presented to the library. The restoration and binding services.*
6. *The Cultural Agreement signed between the "Gabinete" and the "Instituto de Alta Cultura" of Lisbon. Its terms, minutely described. Scholar-ships offered.*
7. *Prominent friends and benefactors of the "Gabinete".*